

DO CORPO AO CORPO

Marina Giacomini Brandão¹

INTRODUÇÃO

Como estou? Muitíssimo bem, obrigado. Depois de certo tempo, a gente se acostuma com os momentos fortuitos de breve companhia. No final, fico aqui, eu e minhas paredes. Mas não faz mal. Já vivi muita coisa, minha filha. Não, não quero partir dessa para melhor ainda não. Estou bem como estou. Só que minha perspectiva da vida já não é a mesma, não é igual a sua.

O que eu tenho para te contar? Depende do que o seu ouvido quer escutar. Ele que manda nas histórias que esse povo todo conta, como dizia Calvino (apud MARANDOLA JR., 2015). Mas posso dizer que trago comigo lembranças

peculiares. Lembranças do tempo de menino, do tempo de adolescência tardia e de minha juventude. Momentos que não abro mão de recordar, pois passeio nas horas e no tempo com a facilidade que vocês, jovens, ainda não possuem. Recordo como se tivessem acontecido ontem e falo com muita propriedade. Tudo verdade? Claro que não. Que graça teria? Invento coisa ali, coisa aqui, mas no final, fica tudo como verdade mesmo e a pessoa decide como vai ouvir e no que vai acreditar. Mas não se preocupe, minhas mentiras não passam de 10% da história (SÓ, 2008). Tem gente que gosta de me escutar, como você, mas tem gente que nem liga o ouvido e a cabeça dispara a concordar com tudo. Tem outros, os

¹ Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
marinagbran@gmail.com.

✉ Rua Júlia Lacourt Penna, n. 161, apto. 201, Jardim Camburi, Vitória, ES. 29090-210.

que considero os casos mais tristes, que escutam minhas histórias, mas, como já faz tanto tempo que as vivi, acham que já não valem mais nada. Ah, se soubessem que, um dia, também contarão histórias como as minhas.

Ainda não sei bem o que vou lhe contar. Vamos fazer assim: eu tento começar de onde a imaginação alcança e depois vou desenrolando conforme as palavras queiram sair, pode ser? E, se você não gostar de alguma coisa, fica à vontade para mudar de assunto.

DE MARIA AO RETORNO AO CORPO

Sendo assim, começo considerando que, segundo alguns estudiosos da ciência e da religião, a vida começa em determinado momento, antes ou depois do nascimento. Como sou um estudioso do dia a dia, desses de pé descalço e corpo cansado, tenho para mim que a vida começa quando nos damos conta da imaginação. Quando somos crianças, vamos descobrindo as coisas aos poucos. Ainda não fomos convencidos de que muita coisa é do jeito que deve ser. Então fica tudo mais fácil, pois tudo pode ser tudo e virar mais um pouco de uma hora para a outra, bastando usar a imaginação.

Foi usando a imaginação que conheci Maria. Maria não enxergava e se recusava a falar. No início, foi difícil ser amigo dela, mas logo a moça disparou a querer ouvir tudo o que estava ao seu redor. Mas ela não se dava por satisfeita e queria viajar o mundo todo para escutar por aí. Eu fui os olhos de Maria. Eu tratava de contar tudo o que via. Quando o que eu via não me enchia os olhos, tratava de dizer o que eu gostaria de ver e, assim, Maria ficava mais feliz.

Através de Maria, aprendi a olhar com as mãos, com os pés, com a boca, com o estômago, com o nariz, com o cérebro, com a alma e, principalmente, com os ouvidos. Arrisco-me a dizer, como já disse Wim Wenders que “a maioria de nós é capaz de ver com os ouvidos de ouvir” (JANELA, 2001). Eu tinha que ficar atento. Quando Maria escutava algo, ela logo queria saber o que estava acontecendo. Já pensou se meus ouvidos deixassem escapar algo? Maria não me perdoaria. Além

dos meus ouvidos, o que dizer então das minhas pernas? Eram ferramentas essenciais de corrida. A gente corria de cachorro, de marreco e da minha mãe, que vinha de longe para pegar Maria, mas, sem querer, acabava me pegando primeiro. E foi assim que meu corpo cresceu, em meio às confusões em que Maria me metia.

Tudo bem, meu corpo não cresceu muito. No entanto, a altura não me fez falta, porque sempre escolhi olhar as coisas com olhos de menino pequeno, chegar bem perto delas até que não quisessem mais ser vistas e se transformassem em um grande borrão. Sempre achei as coisas um tanto metidas por isso, mas nunca as julguei mal, pois, talvez, elas só tenham vontade própria. Manoel de Barros sabiamente já disse que “as coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis” (SÓ, 2008).

Aprender com as coisas não me parecia tarefa difícil e isso me ajudou quando meus pais resolveram mudar-se para a capital. Aquela velha história de emprego melhor, escola melhor e vida melhor. Mas o que a gente sabe é que esse melhor vem de coletivo lotado e atrasado.

Foi assim minha primeira relação com a cidade: emaranhados de pessoas dançando em círculos, atadas pelas mãos e evitando encontros, esbarrões, olhares e sorrisos. Um verdadeiro caos. Maria? Não quis se mudar comigo, claro que não. Ela quis o sossego do interior a que ela já estava acostumada. Mesmo sem enxergar e se recusando a falar, ela já conhecia o caminho para todos os lugares e todo o mundo já a conhecia.

Eu não tive escolha e embolei-me nesta dança frenética da cidade. Adotei para mim o personagem baudelairiano e resolvi andar pela cidade sem destino certo e sem percurso em mente (ROCHA; ECKERT, 2003). Meus pais, muito ocupados, confiavam em meu comportamento exemplar. Exemplar de curioso e de menino arteiro, na verdade. Eu queria conhecer a história da cidade das pessoas, a cidade do seu Alberto, da Dona Edna, da Lúcia, da Dalila e do José, queridos conhecidos que se deixaram esbarrar em mim.

Falando de José, me lembrei de algo. O pobre levou um susto quando me viu pela primeira vez. O susto foi tamanho que o meu susto se calou. Por quê? O coitado dormia próximo a um banco de praça, quando me aproximei, sentei e comecei a cantar baixo um trecho de uma música que não saía da minha cabeça. Ele acordou assustado tentando entender o que estava acontecendo. Era cedo e ele tinha acabado de dormir. O sono chegou pesado, como não era de costume, em decorrência do cansaço do dia e da noite anteriores. José acalmou-se e resolveu sentar comigo. Conversamos por um bom tempo e, sempre que coincidia de nos encontrarmos, o papo continuava.

Falar mais sobre José? Tudo bem, não me importo. Ele era um sujeito de olhos baixos, gestos silenciosos, jeito manso de falar e respiração calma. Ele pensava quieto, escutava quieto e respondia quieto. O barulho mais alto que fazia era um sorriso amarelo quando queria dizer que estava tudo bem. Sua presença era quase invisível, apenas notada por uns e outros que lhe davam moedas ou que mandavam o homem arranjar um emprego. É, minha filha, as pessoas costumam ser assim. Acham que um emprego basta para acabar com os males do mundo. Pobre de José que largou tudo, inclusive o seu emprego, porque não via graça na vida. Às vezes, me questiono o que terá sido dele.

Sim, José marcou minha vida. Foi com ele que eu descobri que cidade tem quintal, tem menino correndo atrás de bola, tem pipa voando no ar e tem gente que nosso coração quer fazer de casa. Gente que serve de casa. Ah, que saudade dessa gente. Como não desejar de volta os abraços que escolhi habitar? Foram abraços que me envolveram depois de tombos e de conquistas e que se moldaram em mim para que nunca mais se desfizessem.

Recebi abraços, como poucos receberam e receberão, feitos de pele e de muitos braços, que acolhem e que não deixam espaço para nada além de muito afeto e carinho. Também existiram os abraços cheios dos sentidos, feitos para tocar, saborear, cheirar, olhar e ouvir. Só um minuto, por favor. É porque essa história me lembra os corpos sob a regência do maestro Ohad Naharin em Gaga. Como não se apaixonar pelos corpos em coexistência profunda? A paixão e a precisão em cada movimento dos mesmos tocam o mais leigo dos sensíveis (GAGA, 2015). Sim, minha querida, corpo também é lugar para habitar.

Como você pode deduzir, minha mãe teve bons motivos para noites de preocupação. Nada que ela deixou chegar ao meu pai, que tinha que levantar cedo demais para uma nova jornada no emprego. A verdade é que eu era um viajante do tempo e do espaço. Meu compromisso era com as descobertas. Mas não tardou muito até minha mãe chamar-me à realidade. Seus discursos eram sempre os mesmos. Embora falasse muito, sempre finalizava com: você já é um rapaz, precisa ser mais responsável e mais atento.

O que ela falava? Posso ouvir suas palavras ecoando em minha mente: “vamos? Apresse o passo, menino. Ele está chegando perto. Segura firme na minha mão, porque é melhor corrermos. Cadê o dinheiro que lhe dei? Já pode pegá-lo, porque ele está chegando! Corre, menino! Enche esse seu tempo com passada e toma cuidado com esse dinheiro! Pronto! Dá sinal e, quando a gente entrar no ônibus, já segura na roleta! Pode me

Do corpo ao corpo
Marina Giacomini Brandão

esperar que a gente passa junto. E calado! Nem uma palavra, porque tô com a cabeça fervendo. Anda, paga o moço! Já agradeceu? Agora vai lá, senta do lado daquela moça, que eu fico em pé do seu lado. Fica quietinho e não incomoda a moça, viu? Ah, meu filho, esse seu tempo é esquisito. Difícil demais de situar. Você corre que não dá um passo e passeia como se quisesse chegar. Seu tempo não entende as maldades, não entende rotina puxada, não entende moedinha contada no bolso como dinheiro para o transporte. É tudo festa e calma. Não se preocupa se sua rede vai virar cama, se as latas que você põe no pé para brincar vão virar sapato, se os bichos que você arranja por aí vão virar comida e se as árvores nas quais você sobe vão virar moradia. Esse seu tempo é esquisito demais. Agora, vai já se preparando, porque logo mais a gente salta para o mundo real. Não se esqueça de fazer o dever de casa quando chegarmos. Não tem conversa comigo quando o assunto é escola. E, meu filho, vê se coloca seus pés no agora e deixe essa sua bobagem de tempo de quando para lá. Você já é um rapaz, precisa ser mais responsável e mais atento". Pronto, essa é uma versão curta das conversas que minha mãe tinha comigo.

Por muito tempo, eu não entendi uma só palavra do que minha mãe falava. Eu só queria chegar em casa para tirar o sapato apertado e pensar no que eu iria fazer até dar a hora de dormir. Minha mãe, coitada, pensava que o mundo era um lugar complicado para uma pessoa como eu viver. O que ela não sabia, e o que eu gostaria de ter contado a ela, era que, na verdade, o mundo precisa de pessoas como eu para ser melhor. Não, não estou exagerando. Nesse tempo de sobremodernidade, observe quantas pessoas param para admirar a beleza de uma árvore, quantas pessoas olham para o céu, quantas pessoas tiram os sapatos para aproveitar a grama da praça e quantas pessoas querem conhecer outras pessoas. São tempos difíceis, minha filha. Os seres humanos vivem um tempo de fluidez, como diz Haesbaert (2015), e, ao que me parece, estão obcecados pelas horas e pelas telas, quem dera fossem as dos nossos artistas.

Ao que me parece, somam-se às obsessões os muros. Na minha época de menino, muro era coisa rara de ver. Hoje, o muro segrega as pessoas que a sociedade esqueceu que existiam. Dizem que são muros para a proteção, mas

penso que eles servem mais para proteger os olhos. É um tal de murar bairros, vias, cidades e até países que já perderam as contas de quantos muros são necessários para garantir a paz. Pacificar, aliás, virou uma ação que fundamenta guerras e intervenções militares que, por sua vez, legitimam fronteiras internas e criam territórios ambivalentes (HAESBAERT, 2015).

Minha querida, se existe algo que nos torna próximos e, ao mesmo tempo, distantes uns dos outros é a sobremodernidade. Acredito que vale a pena conversarmos mais sobre isso. Se você estiver com tempo, é claro. O tempo, aliás, virou a justificativa oficial desse período em que vivemos. "Não posso ver amigos e familiares por não ter tempo", dizem alguns. "Não posso cuidar da minha saúde, porque minha rotina é pesada" ou "não posso parar para conversar, porque tenho hora para chegar" dizem outros. Não podemos mais fazer aquilo que, um dia, nos deu prazer, por falta de tempo. Tenho para mim que as pessoas já internalizaram tanto esse discurso que não percebem o tempo passando. Como eu gostaria que elas soubessem que ficarão velhas como eu. Eu tenho tempo para as pessoas que amo, mas muitas delas já não podem retribuir esse amor. Tenho tempo para cuidar da minha saúde, mas, por mais que eu cuide, minhas dores são companhias assíduas. O que? Também tenho essa percepção. Todos estão imersos em um presente perene. Também, com esse tempo acelerado, como perceber seu movimento? Como perceber que ele já passou? Oscilamos entre

períodos nostálgicos e um presente repleto de eventos que se acumulam nessa cidade que já virou mundo (AUGÉ, 2010).

Vou te confessar uma coisa: só de falar neste assunto, já estou cansado. É porque já fiz parte dessa correria. A vida nem sempre foi fácil e meu olhar de menino teve que crescer finalmente. Minha mãe ficaria feliz. Mas não quero falar sobre isso. Foram tempos que não gosto de recordar. Tempos nos quais eu não tinha mais meus ouvidos de ver e minhas pernas não me ajudavam a correr dos problemas. Tempos nos quais eu não encontrei meus abraços casa e que a única coisa que eu levava da mocidade era o sorriso amarelo de José.

Foi assim, desse jeito que te contei, até que, enquanto eu dormia, aconteceu-me uma história que mudou tudo. Enxerguei-me em uma sala. Era tudo muito nítido. Embora eu ainda tivesse meus cabelos pretos, percebi-me grisalho e um pouco calvo no topo da cabeça. A sala estava sempre cheia. Uns eram chamados logo e outros um pouco depois, mas todos seriam atendidos. As pessoas que ali estavam pareciam não notar a transição dos que iam e dos que chegavam. Muitos não precisavam nem se sentar, pois, por algum motivo que não me pareceu coerente, lhes era dado uma certa preferência e prontamente seus nomes apareciam em um monitor. A variedade dos que utilizavam aquele serviço era grande.

Um burburinho pairava no ambiente, mas a sensação era de silêncio profundo. Alguns buscavam se distrair de alguma forma. Concentravam-se na música de fundo e batiam seus dedos impacientes na cadeira ou nas pernas cruzadas. Outros ainda, se incomodavam com o batucar dos dedos, com a iluminação precária e com o tempo. Falando nele, lembro-me de ter refletido “tenho tanta coisa para fazer ainda: pegar o neto na escola, levar o cachorro para passear e terminar umas pendências do trabalho. Não tenho tempo para ficar aqui”. A maioria, na sala, pensava como eu. Reclamam das repartições, dos serviços públicos, do outro ao lado que não cheirava bem ou que trazia junto seus filhos ou parentes para acompanhá-lo no atendimento. Mas as reclamações acabavam quando essas pessoas eram atendidas.

Enquanto eu estava lá, já tinham atendido Seu Miguel, que não tinha pressa, porque também não tinha casa e porque também não tinha nada. Disse ele que achava que podia dormir na praça do flamboyant, lugar bonito e tranquilo. De lá, ele conseguia sentir o cheiro da comida sendo preparada no interior das casas, via o amanhecer e se aconchegava nos dias de frio. Mas um homem armado, dono de um comércio próximo, quis dar um susto no homem de meia idade.

Também foi atendida Dona Laura. Chegou com um cheiro etílico peculiar. Às vezes, ela se esquecia do que estava fazendo ali. Seu Maurício fazia questão de cumprimentar a todos. Dizia-se ateu com fé na humanidade. Seu atendimento foi tranquilo, sem qualquer problema. Lá no canto, um corpo chamou a atenção de todos. Cabelo grisalho como o meu, pouca visão como a minha, articulações debilitadas como as minhas e paciência zero. Por algum motivo resolvem atendê-lo logo. Sua respiração acelerada, que também parecia ser minha, se acalmou e aquele corpo parou. Parou de reclamar das dores nas articulações e, depois de alguns instantes, soltou um suspiro profundo, acalmou o coração e ficou mais frio que o ambiente. Suas pálpebras pesaram. Ninguém demonstrou se importar muito e, em seguida, outro nome apareceu no monitor.

Senti que minha casa imaginária, meu abrigo da vida, então, tinha pegado fogo, tal qual a casa que Tarkovski mandou construir para, depois, queimar. Tanto trabalho para a certeza de que tudo, um dia, vai acabar. Porém,

Do corpo ao corpo
Marina Giacomini Brandão

assim como ele, fui obrigado a reconstruir meu lar, pois as cenas do meu filme ainda não estavam concluídas (DIRIGIDO, 1988).

Minha querida, fico pensando uma coisa. Às vezes, as histórias que nosso coração nos conta são as mais verdadeiras. Daquele dia em diante, resolvi desacelerar meu ritmo. Procurei novamente achar meu quintal na cidade, ver as pipas voando de maneira improvisada e admirar as bolas rolando em meio a pés descalços na grama. Minhas caminhadas sem destino tornaram-se sagradas. Eu precisava redescobrir a minha cidade, a cidade de Eduarda, a de Dora, a de Manoel e a de Guilherme. Resolvi também voltar a conversar com as coisas, devolver-lhes os significados que o tempo levou. Resolvi despertar-me para a realidade e deixar minhas marcas registradas, habitando poeticamente cada canto que passava despercebido pelos olhos medianos (CESAR, 2015).

Sabendo de tudo o que eu sabia, até aquele momento, voltei à cidade do meu olhar de menino e recriei minha relação com a mesma, coisa que havia perdido e nem me dei conta. Meus olhos não mais se mantinham baixos para não ver a aspereza do ambiente. Meus gestos, minha respiração, meu escutar, meu pensar e meu falar gritavam na cidade e eu fazia questão de que assim fosse. Lembrei-me de meu amigo José e quis ser todo o barulho que ele não foi.

Eu passei a caminhar sempre no mesmo horário. Seguia a linha da calçada, mas preferia andar na pista movimentada. Uns automóveis buzonavam, mas quase nunca eu saía da frente, sem pressa com a pressa alheia. Outros desviavam, como desviam de tantos outros, mas confesso que eu preferia os que buzonavam. Passei a sentir o vento e os cheiros do passar das horas que ele trazia. Já reparou que o entardecer tem um cheiro diferente? Não? Então faça o seguinte: olhe as novas cores que se formam no céu e respire fundo para aquela paisagem da cidade entrar em seu corpo. Escute a sinfonia de fundo composta por buzinas, bicicletas, freios, crianças gritando, chorando, pessoas rindo e pedindo licença. Algumas pedindo mais alto que outras. Você vai ver que essa paisagem tem um cheiro.

Nesse meu processo de retorno, nada mais justo que eu voltar ao corpo que me serve de aparelho. Corpo que Maria me ajudou a descobrir e que, hoje, é resultado

de tantas Marias. Com meus cabelos brancos, também chegou a pouca idade. Sou apenas um exemplar de curioso e de menino arteiro. Claro que, quem me vê assim, não acha nada disso.

O que? Você ainda está aí? Desculpe-me a falta de atenção, querida. Fiquei preso nas memórias e esqueci-me da sua companhia. Como eu estava dizendo, quem me vê assim, corpo grisalho e cansado, não sabe que só tenho em mim as coisas de menino. Para muitas pessoas, sou isso que você também está vendo, um ocupante dessa sala.

Uma poltrona de encosto largo, um aparador antigo, uma mesa de três pés, um tapete gasto e um sofá cama. Meu corpo repousa nesse móvel aí. Quando acordo, meus olhos demoram a querer abrir, mas balbucio algumas palavras que não são escutadas por ninguém. Este corpo se estica com pouco esforço, tocando, com os pés, os braços de madeira do sofá. Já percebeu que esse sofá cama é do meu tamanho? Eu caibo aqui sem problemas, mas também sem sobras. É a conta certinha. Ou melhor, posso dizer que o sofá cabe em mim.

Não poderia deixar de me intrometer no diálogo entre Gonçalo Tavares e Os Especialistas. A principal função desse corpo com quem você está falando? Um corpo régua que mede tudo, claro que sem a exatidão desnecessária. O espaço desta sala é todo medido por mim, consegue perceber? Eu sou o espaço que contextualiza esse cômodo. Posso andar de olhos fechados que sei quantas passadas e quantos apoios de mãos são necessários para alcançar qualquer ponto aqui presente (MOREIRA, 2017).

Do corpo ao corpo
Marina Giacomini Brandão

É verdade, perdi-me novamente em divagações. Mas não tem segredo, minha querida, todos os dias essa história se repete. A vontade é de sentar quando acordo, mas as costas, os membros e o quadril doem. É uma sinfonia de estalos e reclamações por conta da artrose e da artrite, que se manifestam enquanto esse corpo lento tenta dar os primeiros movimentos do dia. Calma, ainda não deu a hora dos meus olhos despertarem, mas já consigo deixar alguns rastros no ambiente, como a ponta da coberta que normalmente repousa no chão. Quando meus olhos finalmente abrem-se para o dia, me dou conta de que preciso dar um jeito no lugar, pois logo a sala torna-se apenas sala.

Ajeito o que tenho que ajeitar e meu corpo me leva até a cozinha. Pego um fervedor, encho de água e levo ao fogo. Gosto de colocar minhas mãos no calor das chamas. Pego um copo, sirvo-me e aperto com vontade o adoçante. Bebo o líquido e depois vou medir a glicose.

Meu corpo não permanece sozinho por muito tempo. Um novo corpo surge, dá bom dia e se serve também. Tudo permanece em silêncio, com exceção do copo e da xícara batendo na mesa. Depois, meu corpo segue para sua cadeira habitual na varanda de grade que dá pra rua. Lá, escuto as manhãs na casa dos vizinhos: cachorros latindo, crianças chorando, casais discutindo, copo quebrando e rádio ligado na estação de notícias.

O dia passa, o tempo esfria e meu corpo começa a reclamar. Meço novamente a glicose e penso que, daqui há pouco, precisarei dos dedos dos pés para dar folga aos das mãos. É hora da minha caminhada. Ando menos do que minhas pernas de menino gostariam, é verdade, mas sou paciente e espero elas responderem no tempo delas.

Sabe, tenho que te contar uma coisa. Esses dias atrás, quando eu me preparava para mais uma caminhada, Maria veio me visitar. Continua do mesmo jeito, não mudou nem um só fio de cabelo. Ela queria porque queria que eu fosse a dois lugares: à praça de José e ao terminal de ônibus que motivava as conversas de minha mãe. Agradei por ainda morar na mesma cidade, porque Maria não é de desistir fácil. Fomos primeiro à praça.

Muita coisa mudou. O que, antes, era árvore, poste, caminho e banco, agora é isso tudo somado a parquinho para as crianças, quadra para o futebol, pula pula, picolé e gente passando o tempo todo. Procurei o banco em que eu sentava para conversar com José, mas só encontrei as marcas de seus pés no chão. Bom, Maria ainda não enxergava e continuava se recusando a falar. Logo ela ficou sem paciência, porque queria ouvir as coisas que estavam ali.

Começamos ouvindo o chão. Uma folha se arqueava para contemplar melhor o horizonte. É de se entender, já que ela passou a vida toda olhando do alto. Depois ouvimos uma sacola. Ela não tinha culpa de estar lá, mas não perdeu a chance de abrir bem suas alças para abraçar a copa da árvore que a observava de longe. Próximo à sacola, estava uma figurinha de álbum da Copa do Mundo. Nem precisei me aproximar muito e aquele pedaço de papel gritava o entusiasmo de um grupo de crianças afoitas por completar aqueles espaços numerados. Falando em crianças, Maria quis ir ao parquinho.

Já reparou que as crianças brincam no parquinho até cansarem, mas praticamente não saem do lugar? Quer um exemplo? O escorregador. Elas sobem as escadas, escorregam e retornam a subir as escadas para novamente escorregarem. A gangorra. Elas a utilizam como um pêndulo eterno. Não preciso comentar sobre o balanço, não é?

Deve ser cansativo ser as coisas de parquinho de criança. Não obstante, tenho certeza que elas, as coisas,

Do corpo ao corpo
Marina Giacomini Brandão

encontram tempo para serem mais do que brinquedos. Com a ajuda dos pequenos, elas se transformam em túneis, barcos, aviões, etc. E, em algum momento do dia, podem contemplar a visão do lugar através de suas formas curvas e retilíneas. O escorregador, por exemplo, se olhar do chão, consegue tocar o céu com facilidade. Já os balanços, se ficarem paradinhos um ao lado do outro, projetam uma bela luneta entre suas correntes mais próximas ao assento. Aliás, o que não faltou foi luneta boa nessa praça. O copo de plástico amassado consegue captar detalhes do horizonte que a grama nunca imaginou ver.

De repente escuto “notou que os bancos com encosto são estrábicos?” Foi a primeira vez que ouvi Maria falar. Ela completou, enquanto tateava minuciosamente o banco, com “eles olham para lá e para cá ao mesmo tempo”. Fiquei alguns minutos incrédulo, mas logo Maria lembrou-me de que ainda faltava o terminal de ônibus e lá fomos nós.

Ah, o terminal! Como lembro de minha mãe nesse lugar. Local de esperas que não levam para muito longe, de passos limitados por filas, por pessoas e por linhas de segurança, essas que ninguém obedece, por sinal. Local de pensamentos que não se firmam onde começam, de permanências temporárias, mas eternas. “Mas, amanhã, é um novo dia!”, escutei o moço otimista. Para muitos, esse “novo dia” dura dias, meses e anos, sempre da mesma maneira.

Já olhou para o chão do terminal? Não se preocupe, pois quase ninguém olha. Prova disso são as gomas de mascar pisadas, os chinelos largados e também pisados e algumas pessoas que esperam o ônibus chegar em local proibido. Mas esse chão foi, por muito tempo, meu amigo. Ele acolheu, muitas vezes, minhas risadas, minhas lágrimas perdidas e meu corpo cansado de ficar em pé. Por falar em lágrimas, Dona Zilma, vizinha de minha mãe, muitas vezes as deixou pelo chão do terminal. Dona Zilma iria ficar contente com o que vi: pinturas e cartazes rompendo o concreto e dando voz à mulher. Quem gosta de assédio e violência?

Minhas lembranças foram cortadas quando um rapaz, um pouco estressado, tomou o telefone público à minha frente. “Sim, eu confesso, sou o responsável por tudo isso, satisfeita? Eu que jogo lixo no chão, que fumo em local proibido,

que furo fila, que aperto a pasta de dente pelo meio e escovo os dentes com a torneira aberta, mas você não pode me acusar de ter esquecido de pagar a prestação da televisão, isso não!”.

É isso, minha filha, minhas histórias são feitas para que as pessoas peguem-nas e reinventem o que não for interessante. Eu mesmo já fiz isso várias vezes. O que? Como estou? MUITÍSSIMO bem, obrigado. ☺

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: Edufal, 2010.

CESAR, Constança Marcondes. Habitar poeticamente a terra. **Pidcc**, Aracajú, v. 9, n. 3, p. 251-254, out. 2015.

DIRIGIDO por Andrei Tarkovski. Direção: Michal Leszczyłowski. Roteiro: Michal Leszczyłowski. The Swedish Film Institute, 1988. Disponível em: <<https://vimeo.com/133801571>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

GAGA – o amor pela dança. Direção: Tomer Heymann. Produção: Barak Heymann. Roteiro: Tomer Heymann. Heymann Brothers Films, Zweites Deutsches Fernsehen (zdf), 2015. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

HAESBAERT, Rogerio. Sobre as i-mobilidades do nosso tempo (e das nossas cidades). **Mercator**, v. 14, n. 4, p. 83-92, 23 dez. 2015.

JANELA da Alma. Direção: João Jardim. Roteiro: João Jardim. Tambellini Filmes e Produções Audiovisuais,

Do corpo ao corpo
Marina Giacomini Brandão

2001. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mli4FTKRDkk>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

MARANDOLA JR., Eduardo. Narrativas calvinianas: da descrição do explorador ao percurso do andarilho. **Rua**, v. 12, n. 1, p. 45-58, 7 out. 2015.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Breves notas sobre o corpo: um diálogo com Gonçalo M. Tavares e Os Especialistas. **Revista Gearte**, v. 4, n. 1, p. 96-107, 30 abr. 2017.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia de Rua: estudo de antropologia urbana. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 1-22, 2003.

SÓ 10 por cento é mentira – Desbiografia de Manoel de Barros. Direção: Pedro Cezar. Roteiro: Pedro Cezar. Artesanato Eletrônico, 2008. Disponível em: <<https://vimeo.com/176694033>>. Acesso em: 11 jul. 2018.